

Antônio Carlos Eva

O QUE FAZ O PSICANALISTA

*No vértice da
experiência emocional*



Blucher

O que faz o psicanalista

No vértice da experiência emocional

Antônio Carlos Eva

Evelise de Souza Marra
Organizadora

O que faz o psicanalista: no vértice da experiência emocional

© 2026 Antônio Carlos Eva; Evelise de Souza Marra (organizadora)

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Ana Cristina Garcia

Preparação de texto Lígia Alves

Revisão de texto Equipe editorial

Diagramação e capa Thiago Cordeiro

Imagem da capa Helena Lacreta

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico*
da Língua Portuguesa, Academia Brasileira
de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Eva, Antônio Carlos

O que faz o psicanalista : no vértice da experiência
emocional / Antônio Carlos Eva ; organizado por
Evelise de Souza Marra. – São Paulo : Blucher, 2026.

368 p. : il.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2939-1 (Impresso)

ISBN 978-85-212-2938-4 (Eletrônico – Epub)

ISBN 978-85-212-2941-4 (Eletrônico – PDF)

1. Psicanálise. 2. Clínica psicanalítica. 3. Psicanálise
e sexualidade. 4. Psicanálise e psicoterapia.
5. Transferência (Psicologia). 6. Contratransferência
(Psicologia). 7. Psicanálise contemporânea. I. Título.
II. Marra, Evelise de Souza.

CDU 159.922.7

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicologia infantil CDU 159.922.7

Sumário

Prelúdio	11
Prefácio	15
Eva por Antônio Carlos Eva: da Medicina à Psiquiatria e desta à Psicanálise	19

PARTE I

O PSICANALISTA EVA

1. O desafio de pensar sobre psicanálise (2004)	25
2. Alguns elementos para a prática da clínica psicanalítica no analista que sou (2004)	45
3. Alguns parâmetros que procuro seguir, em busca de ser psicanalista (2008)	55
4. Da clínica às teorias possíveis (2009)	63
5. As teorias que sustentam nossa clínica (2010)	77
6. Nossas psicanálises (2012)	83
7. Atitude psicanalítica (2018)	87

PARTE II

CLÍNICA: “A EXPERIÊNCIA PSICANALÍTICA É UM FIM EM SI”

8. “Em uma sessão estou interessado naquilo que não sei” (2016)	97
9. Descrições e comentários (1979)	101
10. Duas aproximações	125
11. Lembranças do trabalho clínico (2012)	153
12. Tradição-invenção (2012)	163

PARTE III

TEMÁTICOS

13. Transferência e contratransferência (1989) <i>Antônio Carlos Eva e Julio Frochtengarten</i>	173
14. Psicanálise: cura ou investigação (1992)	193
15. Continente e conteúdo (♀♂)	201
16. Psicanálise: evolução e ruptura (1996)	205
17. Psicanálise, psicoterapia & afins (1999)	215
18. Transformações e Sonhos (1999)	229
19. Psicanálise e sofrimento psíquico (2005)	239
20. Pacientes de difícil acesso (2011)	253
21. Psicanálise e sexualidade	257
22. Eu, psicanalista, e o coronavírus (2020)	273
23. Modo presencial e modo online (2022)	277
24. O número de vezes	281
25. Pensar e pensamento	287

PARTE IV

O PSICANALISTA E A INSTITUIÇÃO SBPSP:
CONVERSAS PSICANALÍTICAS

26. Conversas Psicanalíticas: apresentação <i>José Lopes das Neves Neto</i>	293
27. Documentos iniciais	297
28. Ao longo do tempo (2005-2016)	301
29. Experiência emocional: impressões sobre as Conversas Psicanalíticas de agosto de 2005	309
30. Sonhos – comentário: Conversas Psicanalíticas (2006)	313
31. Pensamento-não pensamento: Conversas Psicanalíticas (2006)	317
32. A singularidade da teoria de cada psicanalista e sua consequente aplicação clínica (2008)	323
33. Conversas Psicanalíticas sobre teoria e prática (2008)	329
34. Conversas Psicanalíticas: comentário a “Ato de fé” (2016)	335

PARTE V

ENTREVISTA AO JORNAL DE PSICANÁLISE DA SBPSP (2000)

35. Entrevista com Antônio Carlos Eva, analista didata e membro efetivo da SBPSP	343
Lista de abreviações e sinais usados nos textos deste livro	367

Prelúdio

Esta publicação *in memoriam* da trajetória psicanalítica de Antônio Carlos Eva é o registro possível das ideias de um psicanalista singular, que escreve de modo conciso, preciso e sempre a partir de si mesmo, sobre sua longa experiência e dedicação à psicanálise. Isto é, escreve a partir das suas transformações, o que configura um estilo, revelando, no entanto, um conhecimento profundo das teorias psicanalíticas na vertente Freud, Klein e Bion.

Realizar essa tarefa em parceria com José Neves – que me lançou na missão, para cuja realização colaborou depois fundamentalmente – e Lidia Aratangy – que estendeu sua mão de escritora, psicoterapeuta, tradutora e amiga, muito mais do que revisora competente – foi, acredito, a elaboração de um luto, uma homenagem, uma colaboração na psicanálise e a surpresa do encantamento e aprendizado que me pareciam já vividos.

O encantamento foi, agora, diante do conjunto dos textos, todos conhecidos por mim, lê-los como se fossem novos, aprendendo dessa leitura, o que é próprio da escrita insaturada. Como Eva reitera, o vivido é vivido e não conhecido. Daí o método e a consistência, que aqui se revelam com clareza e coerência, não percebidos tão

claramente quando os textos vinham isoladamente na construção e convivência, para muitos e eu mesma, de quarenta, cinquenta, anos na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Parte da surpresa também foi encontrar um currículo, feito pelo próprio Eva, que inicia com o curso de medicina e vai até 1986, de uma extensão e variação na área do psíquico que também assimilei naturalizando. Currículo esse mais resultante dos passos profissionais e de seu modo de participação do que de um planejamento objetivo. Penso que guiado pela preconcepção de vir a ser um psicanalista.

Os trabalhos escritos e institucionais passam pela psiquiatria (Hospital das Clínicas e Servidor Público), por trabalhos com terapia familiar e terapia grupal e pela Sociedade de Psicodrama, onde teve participação expressiva. Sua experiência com grupos foi provavelmente um fator decisivo em sua atuação, não só nos grupos de trabalho como na ação institucional. Em 1979 torna-se membro da SBPSP e em 1980 apresenta seu primeiro trabalho sobre a obra de Bion, passando então a se concentrar na psicanálise, até sua morte, em 2024.

Os textos descrevem seu modo de ver e viver a psicanálise, apresentando teorias e clínica no vértice da concentração na experiência emocional no encontro analítico, tal como recomenda W. Bion, teórico escolhido ou encontrado na sua trajetória.

Eva mantém, esclarecendo como o faz, seu centro de interesse na experiência emocional em curso na dupla analítica *na sala de análise*, sempre com *fê no novo* do encontro, buscando o modo de comunicá-lo.

Iniciamos com uma apresentação dele por ele mesmo, para que o leitor adentre com prazer e curiosidade o que vem a seguir. Temos textos teóricos e os “imateriais clínicos” (termo cunhado por ele), nos quais teoria e clínica se apresentam consoantes, bem como algumas discussões da clínica de um colega (não supervisão) em que novamente é possível reconhecer o método e a coerência do psicanalista Eva.

Também se evidencia o compromisso e a imersão na SBPSP, principalmente com o desenvolvimento da psicanálise e a formação dos psicanalistas – além de uma profícua trajetória como coordenador de grupos na formação e como supervisor, palestrante, executor de funções institucionais, deixou-nos o legado da “formação continuada” e o grupo de Conversas Psicanalíticas (seu maior apreço), que sobrevive na sua ausência.

O leitor encontrará algumas ideias reiteradas, que decidimos manter, respeitando o contexto, e a impressão de que a natureza dessas ideias (quem ler o livro verá) não é de domínio fácil, mesmo sintonizando com a escrita. Encontrará também relatos, que não são de casos, mas sim amostras de como o psicanalista Eva trabalha (no dizer de João Carlos Braga).

Nos temáticos, abordando questões centrais, como psicanálise e sexualidade, dor psíquica, psicanálise e psicoterapia, transferência-contratransferência, atendimento online e várias outras, Eva oferece por vezes sínteses do pensamento freudiano, kleiniano, bioniano, de enorme valor para os estudiosos de psicanálise.

Duas contribuições centrais foram o grupo de trabalho e reflexão Conversas Psicanalíticas, iniciado em 2004, que se reúne uma vez por mês, e a participação ativa nas jornadas anuais “Psicanálise: Bion”, na SBPSP desde 2008. Há registros das Conversas que revelam um método de trabalho em grupo bastante produtivo e estimulante.

Alguns poucos artigos se valem de linguagem conceitual; então, parodiando Bion, recomendo ir adiante, pois o leitor logo encontrará a linguagem descritiva, que é a usual. Essa linguagem mais descritiva do que conceitual, no entanto, está calcada firmemente nas teorias psicanalíticas de Freud, Klein e Bion, bem como na intimidade e aliança com os critérios e no rigor com a formação do psicanalista, alicerçada fortemente na análise do analista.

Apresento esta obra na cesura psicanalistas/casal, isto é, no ponto em que se separam e se misturam. Já o conheci na Psiquiatria do HC e no movimento psicodramático, como Eva, e não como Antônio Carlos, ou seja, no exercício de uma liderança científica e institucional, evoluída nos grupos de trabalho. Apesar do envolvimento com o psicodrama, foi-se centrando na psicanálise, casando-se muito fielmente com ela e com a SBPSP, e em 1970 revolucionou sua vida pessoal, saindo de um casamento para outro, comigo. Turbulências.

Quisera ter empenhado o esforço e o tempo, dedicado agora, em vida e não *in memoriam*, para esta realização. Convidado para organizar o livro para esta coleção não se interessou em fazê-lo. A força, a disciplina e a decisão na pessoa Eva eram uma marca que sempre levava o outro a respeitar.

Paschoal Di Ciero Filho, em certa ocasião no grupo de Conversas, em linguagem de êxito, disse: “Quero que Eva continue coordenando o grupo, pois nunca vi alguém liderar sem falar como ele o faz”.

Desejo e acredito que estes textos façam sentido não só para os psicanalistas, mas também para alguém interessado no mundo mental, emocional e na vida. Afinal, acreditamos que psicanálise é para a vida e, se não for, temos que perguntar no que analista e paciente estão gastando seu tempo. Acho que devo o crédito, ou pelo menos a inspiração da frase, a Bion ou algum outro psicanalista, mas não consegui encontrar a referência do que me aproprio fortemente – espero que, legitimamente, realizando o que afirmo, como penso que Eva o fez.

Resta dizer que foi, além da escolha, uma grande sorte e um privilégio desfrutar da convivência com Eva na instituição psicanalítica e, principalmente, na vida.

Evelise de Souza Marra

Analista didata, coordenadora das Jornadas Bion
e coordenadora do grupo Conversas Psicanalíticas

Prefácio

*A realidade não precisa de mim
Se soubesse que amanhã morria
E a Primavera era depois de amanhã
Morreria contente, porque ela era depois de amanhã.*
Alberto Caeiro

Antônio Carlos Eva, o Eva, foi o que eu chamaria mais um homem de ação do que um homem das letras. Expresso dessa forma minha impressão de ele ter sido alguém que privilegiava o convívio com as pessoas, tanto na sua vida pessoal, com familiares e amigos, como na profissional, com analisandos, supervisionandos e grupos de trabalho na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, à qual pertenceu e onde atuou por mais de cinco décadas. Praticamente todos os trabalhos que escreveu – não se furtava a fazê-lo sempre que convidado – são os que estão aqui reunidos pelo diligente trabalho de Evelise de Souza Marra, sua parceira de quase toda a vida e também autora do prelúdio que compõe este volume.

O leitor poderá constatar que não são trabalhos abundantes em citações e teorizações, mas sim trabalhos autobiográficos nos quais, em primeira pessoa, Eva procurou colocar em palavras como ele su-

punha ser o psicanalista clínico que era. A pergunta certa, a colocação questionadora, a dúvida pertinente surgem com frequência em meio às descrições de como se via trabalhando. Nesse sentido, posso dizer que são trabalhos em que ele se expôs imensamente como psicanalista e que, por seus questionamentos e indagações, se mostram insaturados: não se propõem como modelos a serem copiados pelo leitor, mas sim como estímulos para que cada um pense, descubra e se responsabilize por sua forma própria de ser psicanalista.

Por que a leitura de trabalhos de alguém que se mostrava na busca e no gosto pelo convívio com as pessoas poderá trazer benefícios ao leitor deste livro? Estou convencido de que a resposta é afirmativa. Sim, em primeiro lugar porque nem todos tiveram o privilégio que tive, de conviver intensamente com ele, por cinco décadas, como amigo, parceiro na vida institucional e no cotidiano de nossos consultórios. Depois, é claro, pois desde janeiro de 2024 sua falta só pode ser precariamente tamponada pelas lembranças, saudades e lembretes de sua pessoa, conquistados também na leitura de seus escritos. Por último, penso que seus textos, “concisos, precisos e sempre a partir de si mesmo”,¹ refletem aquele seu respeito radical para com outras formas de pensar, a não interferência no modo de pensar de analisandos e colegas que trabalham de forma diferente da sua, a abstinência da procura por guiar as decisões alheias – um conjunto de qualidades que favorecem o leitor a descobrir o psicanalista que é.

Essas qualidades podem ser acompanhadas nos seus diversos Comentários dirigidos aos colegas participantes do grupo que coordenou ao longo de vinte anos na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, intitulado *Conversas Psicanalíticas*. Posso definir o Eva com a mesma expressão que o Imperador Adriano

1 Marra, E. S. *Prelúdio* deste livro.

define um de seus compatriotas, Leotíques: “Espírito positivo, ensinou-me a preferir as coisas às palavras, a desconfiar das fórmulas, a observar mais do que julgar. Esse Grego amargo ensinou-me o método”.²

Além desses benefícios da leitura do livro, penso que vale a pena lembrar alguns modelos e ideias bastante originais, trazidos nesse conjunto de textos, que foram sendo incorporados ao acervo de muitos de nós, e por vezes até perdemos a lembrança de sua autoria: a ideia de uma formação continuada para o psicanalista, para além de sua formação institucional; a proposta de o trabalho analítico “construir” o analisando de alta frequência; o modelo das máscaras de oxigênio nos aviões, que devem ser usadas primeiro em nós mesmos para depois ajudar o outro, como referência às condições materiais e mentais do analista na sala de análise; o modelo da lente implantada no olho para se referir ao modo de olhar comprometido do analista, que não comporta alternativas.

Se precisasse reduzir a uma só expressão do que tratam os textos que compõem este livro, eu diria: atitude psicanalítica, ou, talvez, atitude perante os outros no todo da vida.

Quanto ao aspecto aguerrido do Eva como o entendo, o leitor terá uma ideia por meio dos textos “Eu psicanalista e o coronavírus” (2020) e “Modo presencial e modo online” (2022). Em ambos, podemos seguir um analista com coerência inabalável: no período da recente pandemia de covid-19, quando a grande maioria dos psicanalistas do mundo adotou o atendimento a distância, Eva decidiu não atender por via remota, dispondo-se a manter o trabalho presencial. Podemos acompanhar nesses artigos uma aguerrida fidelidade aos seus sentimentos e pensa-

2 Yourcenar, M. *Memórias de Adriano*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980 (1974), p. 43.

mentos sem, no entanto, insinuar qualquer superioridade ligada a essa sua decisão. Como escreveu num deles: “Preciso informar que não atendo nenhum analisando a distância, por escolha feita, sem uma boa explicação” e “Sem muitos pensamentos e consultas, respondi a mim mesmo, e a seguir ao outro, que não me sentia interessado no atendimento a distância”. Além dos dois artigos mencionados, vale lembrar que ele não se excluiu das tantas discussões trazidas pelos atendimentos remotos, revelando mais uma vez sua postura ética e respeitosa.

Como homem e como psicanalista encarnado, a pessoa do Eva se revelava nos convívios por meio dos gestos, silêncios e palavras, talvez mais do que por explicações, justificativas ou razões para suas ações. Os que conviveram com ele muitas vezes demoraram para descobrir que ele não se oferecia como modelo de experiência, perícia ou sabedoria. Enquanto esperávamos essa atitude de sua parte, ele poderia ser tomado como esfinge cujos mistérios iriam se revelar. Mas hoje creio que não havia mistérios. Como ele escreveu em um de seus textos, “A experiência analítica é um fim em si”.

Nesse sentido, os textos que o leitor tem em mãos devem ser vistos como resultado de um esforço e generosidade do psicanalista em expor como trabalhou e pensou sua clínica. O que se revela é um trabalho clínico e teórico centrado na experiência emocional no momento da sessão, revelando, de forma radical, a filiação do Eva às ideias de Bion, particularmente à noção de um amálgama entre conhecimentos e sentimentos, que hoje, já em meio às lembranças, parece coerente com o interesse e o respeito à pessoa do outro, que marcaram Eva como ser humano.

Julio Frochtengarten

Analista didata da Sociedade Brasileira
de Psicanálise de São Paulo

Eva por Antônio Carlos Eva: da Medicina à Psiquiatria e desta à Psicanálise

Entrei, em 1959, na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP) com a declarada intenção de ser médico. Durante o curso médico fui percebendo a psiquiatria como especialidade médica, que se ocupava dos distúrbios mentais em suas mais variadas formas e do comportamento das pessoas acometidas.

Ao final do curso médico, escolhi fazer residência em psiquiatria, essencialmente uma especialidade médica, tais como clínica médica, que apresentava uma parte desenvolvida em ambiente hospitalar, para as doenças mais graves, e uma parte ambulatorial, para os comprometimentos mais leves. No primeiro ano da residência psiquiátrica fiz cursos que se aproximavam da psiquiatria, como especialidades que colaboravam: clínica médica, neurologia, endocrinologia e tantas outras. Cito-as para dar ideia do que me movia nesta residência médica.

A escolha de psiquiatria como campo de trabalho permanece até hoje como um grande mistério. A escolha poderia ter sido pediatria, como minha especialidade, pois fui convidado para lá trabalhar, por um assistente, mas optei por psiquiatria. A escolha dependeu de circunstâncias de momento, por exemplo, ter traba-

lhado ainda como estudante em plantões de hospital psiquiátrico e outras circunstâncias, onde aprendi a prática psiquiátrica de momento. Por esse caminho fui me adaptando à prática psiquiátrica.

Ainda no segundo ano da residência médica psiquiátrica, fui contratado como médico assistente do Departamento de Psiquiatria da FMUSP. Até aqui nada sabia de Psicanálise e da possibilidade de formação em seu Instituto.

Resultou do trabalho no Hospital de Psiquiatria da FMUSP um experimento desenvolvido como minha tese de doutoramento, intitulada “COMUNIDADE TERAPÊUTICA” – Aspectos da Implantação de Atendimento Comunitário, defendida em 1972.

No Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), onde fui integrante de uma turma de 10, recebemos uma parte grupal, fornecida pelo próprio curso, com aulas teóricas sobre Freud, M. Klein e Bion, ofertadas pelos professores do Instituto, e uma parte clínica, com seminários clínicos, e duas outras atividades centrais e fundamentais, a saber, análise pessoal didática, feita com um analista didata de nossa Sociedade obrigatoriamente, no mínimo por cinco anos e com frequência de 4 sessões no mínimo por semana. E uma segunda atividade individual, feita obrigatoriamente com analistas didatas da SBPSP, constituída por duas supervisões, com analisandos que compareciam ao consultório, e análises de quatro ou cinco sessões semanais, por um período mínimo de 80 semanas. Destas duas supervisões resultaram dois relatórios de supervisão, necessitados de aprovação e a seguir de apresentação na SBPSP.

Este núcleo formativo transmitia todas as dimensões que já assinalei, além de, como grupo de 10 alunos, participar de seminários clínicos psicanalíticos. Na ocasião em que frequentei o Instituto, não havia a divisão entre seminários obrigatórios e eletivos, como há hoje. Hoje há oferta de seminários variados, com turmas e temas muito diversos.

Não será demais, penso eu, salientar que este conjunto extenso e intenso forma e é formado pelo grupo que está em atividade na SBPSP, dando-nos uma base comum de informação e formação, que estou denominando “formação por dentro”.

No que chamo “formação por dentro” interessei-me, inicialmente, pela teoria freudiana, que nos foi oferecida no Instituto. Tornei-me um analista freudiano, utilizando-me de seus pilares, para desempenhar a minha clínica psicanalítica. Após alguns anos, a teoria freudiana se funde e ganha influência das ideias de M. Klein, e isto é incorporado para meu uso no trabalho clínico.

Finalmente, apareceu a influência de W. R. Bion, com sua extensa produção teórica, influenciando muitíssimo o meu pensar psicanalítico. Meu interesse é atraído pelo que chamo de “experiência emocional” e que se torna uma ferramenta central do que penso hoje sobre clínica psicanalítica.

Formei um grupo de estudos, “Conversas Psicanalíticas”, que se reúne mensalmente para uma troca de ideias a partir de estímulo curto, formado, em geral, de uma parte teórica e de um “estímulo clínico”, criado por um dos integrantes do grupo. O grupo está se reunindo até o presente, usando a forma online, sofrendo para isso uma reformulação do que usávamos na forma presencial.

Ainda dentro do desenvolvimento das ideias e da clínica, com o passar do tempo, fui me dedicando a usar, como ferramenta central, o que se passa entre mim e o analisando, colhendo dali os elementos centrais para desenvolvermos novas ideias e emoções no encontro psicanalítico.

Aprendi com os muitos escritos de Bion a respeito da Teoria do Pensamento como este apresenta ser uma emoção-pensamento, bastante diferente do que eu tomava como pensamento até então, ligado à racionalidade, dirigindo-me ao pensamento-sonho, onde se aprende a nova-ideia.

Depois de me transformar em membro efetivo e analista didata, tenho oferecido cursos eletivos a respeito da obra de Bion, por muitos anos.

Fomos todos surpreendidos pelo aparecimento da covid-19. Com isto, todos os cursos que eram presenciais não mais foram permitidos. Decidi deixar de oferecer cursos formativos e supervisões online. Continuei, e continuo até hoje, praticando análise presencial. Fiz uma hipótese, que continua válida, de que a minha forma de trabalho necessita de troca entre dois corpos, onde se aloja a experiência emocional, essencial para meu trabalho.

Nos últimos anos fui aprimorando o que me interessa no atendimento psicanalítico, representado pelo interesse no que se passa no momento da conversa ou, melhor ainda, na formação pelos dois presentes de uma experiência emocional, que pode conter palavras ou não. Um dos componentes essenciais é contido ou está no corpo a corpo da sessão.

Estou bastante interessado nas modificações que cada dupla promove no online. Suponho que os componentes da experiência emocional estão modificados se comparados aos componentes da experiência presencial. Estas diferenças, penso eu, não poderão ser únicas, mas obedecem ao que a dupla procura como um todo. Isto vale para a sala de análise, para supervisão, ou outras atividades psicanalíticas

Cabe a nós, psicanalistas, como um todo, ir, pouco a pouco, dos elementos de interesse para o trabalho psicanalítico, especialmente para o trabalho que se ocupa de experiência emocional. Estamos no início destas descobertas e modificações, e muito existe para se descobrir ainda.

Descrevo-me, pois, como um psicanalista formado e criado dentro do que me ofereceu, nestes muitos anos, a SBPSP.

Antônio Carlos Eva

Médico, psicanalista, membro efetivo
e psicanalista didata da SBPSP

PARTE I

O PSICANALISTA EVA

1. O desafio de pensar sobre psicanálise (2004)

Escolho a palavra *desafio* para esta comunicação pois me parece ser a emoção central que experimento diante da tarefa que assumo.

A tarefa torna-se bastante difícil quando penso em Bion como estímulo maior para pensar e escrever sobre psicanálise. Entendo que Bion não nos propõe sermos, à sua imagem e semelhança, bionianos, mas, isto sim, propõe que cada um seja ele mesmo, o mais verdadeiro e espontâneo que possa ser, no trabalho clínico, uma situação propícia para isso; e na vida como um todo, onde as possibilidades de sermos autênticos estão mais limitadas, pelo próprio ambiente social, que criamos, estabelecemos e mantemos. Procurarei fornecer alguns estímulos ou entradas para aproximar o tema da influência de Bion em meu trabalho psicanalítico e que sejam *linguagem de êxito*, para os leitores e especialmente para mim mesmo.

Uso inúmeras palavras em itálico, com a intenção de chamar a atenção do leitor de que se trata de um uso pertinente ao vocabulário psicanalítico, particularmente articulado com a obra de Bion. Fiel ao conceito de *transformações*, sei que as uso de modo particular e pessoal, guardando, tenho a esperança, alguma semelhança com o uso corrente psicanalítico. Em função disso, não as arrolarei

enquanto referências bibliográficas. Apenas farei alguma exceção, quando penso ser pertinente a citação bibliográfica.

Decidi que, apresentando um pouco de minha trajetória analítica, quem sabe consiga criar um campo comum, que sirva de base para pensar sobre psicanálise. Nos últimos dez ou quinze anos, tudo o que escrevo e discuto centra-se na pessoa do analista, procurando com isto atrair o foco da atenção para a nossa presença na sala de análise.

Iniciei a descoberta de Bion-escritor em 1967, por meio da tradução feita para o castelhano de *Aprender com a Experiência*; logo depois descobri também *Elementos de Psicanálise*. A seguir, *Transformações*, *Experiências em Grupos*, *Pensamentos Revisitados* e assim foi, praticamente sem parar, por vinte ou trinta anos. Tivemos ainda Bion em São Paulo e a seguir as pessoas que estiveram com Bion em São Paulo.

O resultado, em 2004, deste conjunto de influências é que o conceito que faço de mente, funcionamento mental, ou nomes semelhantes, é de que a *função, ou área, ou parte psicótica* da personalidade, não para de crescer e se expandir, ocupando o território que eu denominava de *não psicótico*, onde estão a representação, abstração e pensamento. E, como não atribuo este encolhimento da parte *pensante-representacional* a qualquer mudança ou perda maior da humanidade, concluo que meu modo perceptivo e conceitual é que foi se modificando. De um enfoque próximo à psiquiatria, de onde venho, encaminhei-me para a descoberta da impossibilidade de discriminar, sem meu método psicanalítico *disciplinado*, a fenomenologia que capto.

Ela precisa, pois, deste método e modelo.

Por vezes, tenho a fantasia ou a ideia de que somos tão somente *não pensamento, não aprendido da experiência*, e que a divisão proposta, psicótico e não psicótico, soa inútil. Pensar e apreender o

significado da experiência é tarefa tão rara e difícil que me parece uma idealização, uma miragem que vai sempre se distanciando à minha frente, na medida em que me aproximo dela.

E, como eu já habitei à terra da certeza, inserida no social, no campo que permite a separação entre saúde e doença, avaliada psiquiatricamente, onde pensamento era pensamento; fantasia, fantasia; alucinação era alucinação; estar acordado diferente de dormindo; e o sonho se dava quando dormimos, eu me pergunto: o que houve?

Repetir e ser repetido, a partir de como conceituo Transformações (Bion, 1965) e Aprender com a Experiência (Bion, 1962), só podem ser assim chamados se ponho de lado estes conceitos, bem como a individualidade de cada pessoa.

Para a vida ser vivida, tem importância essencial esta função da personalidade que anula o único e forma os *nós iguais*. Creio que sobrevivemos ao impacto da vida quando, ao lado de *pensarmos e sermos únicos*, podemos também ser do *grupo-nós*, ideia sabidamente falsa, mas sabidamente essencial para a sobrevivência e o repouso de estar e permanecer no mundo. Esta área faz parte de uma dimensão *mítica e sonhante* que nos mantém vivos.

O que nos permite aproveitar o mau negócio de ser consciente do desafio de ser único e em solidão é a convivência destas duas funções da personalidade, que chamo de *pensante e não pensante*, esta possuidora de um *calmante interno* para a dor de ser único e só.

Um dos fatores, fortíssimo provavelmente, para a reviravolta que experimentei foi o contato com as ideias de Bion e com as ideias de seus leitores, com quem estudei e conversei. Além de centralmente a experiência que vivo com meus analisandos.

Com estas experiências, criou-se um círculo, em contínua expansão. Estas infinitas vivências fizeram e lançaram-me no mundo das aparências e incertezas, que pude conhecer e que procuro investigar. Como consequência, tornou-se raridade a verdade plena

e convicção última. São efeitos do que realizei com o conceito de *transformações*, conceito que fui digerindo, pouco a pouco, na medida em que me foi possível *suportar a frustração e pensar*.

Queria propor, como nova entrada para o tema, que há uma perda notável nesta nova dimensão, em que passei a me mover. Costumamos afirmar que os ganhos são imensos, valiosos e que nos dão força e firmeza. Estas afirmações são, no entanto, menos palpáveis. Elas se filiam ao conceito de *verdade* como *alimento psíquico*, modelo criado em paralelo com a atividade de nos alimentarmos materialmente de tempos em tempos. Há, pois, um alimento material e outro psíquico – a verdade –, ambos essenciais à vida. Na minha vivência, a função psíquica coordena o todo da vida.

Como já afirmei, o mundo mental em si, muito provavelmente, não mudou. Muda, portanto, o ângulo pelo qual eu o apreendo, ele não se fixa e cria raízes apesar do meu esforço. Raízes que antes eram por mim conhecidas. Há ocasiões, no entanto, em que me percebo em terra firme e com raízes. Mas isto também me introduz, quase que invariavelmente nas dimensões de *desconfiança* e de *investigação*. Estas duas tornam, novamente, o campo fluido e cambiante, no qual posso ou não penetrar dependendo essencialmente de me sentir *confiante*, *calmo* e *integrado* para adentar novas terras. Quem sabe, por vezes, com a esperança de lá encontrar a terra da certeza e da discriminação.

Calmo, confiante e integrado são estados que crio e nomeio para mim mesmo. Estas emoções, no entanto, guardam relações muito variadas com o outro, com o “objetivo” e com o “verdadeiro”. Por vezes, também estão distantes do que é compartilhado por um grupo, em que estou, ou, em uma dimensão maior, no campo social.

Progressivamente, tenho perdido o medo de ser único, o que em princípio deveria se constituir em dimensão de diversas vantagens. Digo e ouço dizer, escrevo e leio de outros, que é vantajoso

ser único, conhecer-se, saber da nossa verdade íntima e se possível compartilhá-la com o grupo.

A minha vivência de ser único constitui-se em dimensão difícil de alcançar e permanecer. Um dos aspectos que percebo desta dificuldade diz respeito ao encontro e desencontro que terei com o outro se lhe conto, por exemplo, que perdi as certezas já tidas e que não as substituí por construções novas e mais fortes. Mas vejo-me, isto sim, com dúvidas e mais dúvidas. Boa parte das teorias que davam conta de meu trabalho clínico já não o faz. Mostraram-se insuficientes.

Especialmente meus analisandos e supervisionandos se desagravam com esta dimensão do *não saber*, do não ter solução a ser aplicada a cada enigma surgido, a menos que use respostas que me são sabidamente falsas.

Para dar conta deste percurso, para uma possível expansão, valho-me do poeta Fernando Pessoa. Como eu o admiro de longa data, vou me dar a liberdade de usá-lo a partir do “Poema em linha reta” para algumas associações e variações.

Escreve Fernando Pessoa:

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.
 Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.
 E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil.
 [...]

Toda a gente que eu conheço e que fala comigo
 Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho
 Nunca foi senão príncipe – todos eles príncipes – na vida...
 [...]

Arre, estou farto de semideuses!
 Onde é que há gente no mundo?
 Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?

Faço minhas as observações poéticas de Pessoa a respeito de mim e do outro.

Tomo uma segunda liberdade, agora com a influência de *Transformações, Elementos de psicanálise, Aprender com a experiência, Grade etc.*, para propor que me sinto aquele que leva porrada e que se sente porco, ridículo e vil, mas que *percebo* instalado ao meu lado, misturado e amalgamado a este, um outro, campeão em tudo, um semideus.

Crio, pois, uma diferença com o poeta Fernando Pessoa por perceber os dois em mim, por vezes calmos e de acordo com suas qualidades e circunstâncias, vivendo lado a lado, mas, por vezes, em guerra sem quartel, uma verdadeira guerrilha, não me deixando terra firme onde possa me instalar.

Esta interiorização e consciência dos dois por vezes cria uma vantagem: intuo isto, por exemplo, quando há um *terceiro* dentro de mim, capaz de perceber os outros dois e com algum poder de administrá-los e, por vezes, até com certa competência.

Aliás, dependo deste terceiro para me manter calmo no meu trabalho clínico. Por exemplo, quando percebo os outros *irmãos* semideuses, bondosos ou raivosos, ou quando percebo os irmãos que só levam porrada nesta vida.

Uma nova ideia de personalidade também se desenvolveu quando percebi que o melhor negócio a fazer é conviver com os dois, dada a impossibilidade, aprendida depois de muita luta, de expulsar um deles de dentro ou de perto de mim.

Talvez isto que articulo tenha alguma coerência, pois, vez por outra, posso escutar de alunos, supervisionados e pares, com os quais privo de amizade mais estreita, que sou questionador, que não ofereço porto seguro, terra firme, mas que, ainda assim, permanecem por perto e, pasmem, falamos sobre psicanálise. E, que ainda assim, não me mandam para o exílio.

Penso que a terra firme, gostaria de tê-la, primeiro para mim, *egoisticamente*, e, se sobrasse espaço, poder oferecê-la e compartilhá-la *socialmente*. Em outras oportunidades, busco a terra firme de outro ou de outros, para poder usufruir dela. Nestas circunstâncias, sinto-me convidado e compreendido pelo outro.

Parece-me que estas imagens guardam proximidade com os conceitos de *vínculo parasítico e comensal*, desenvolvidos por Bion ao longo de seus livros.

Por isso e quem sabe em função disso, tenho também, dentro do caos e das incertezas, feito algumas descobertas, que, até o momento, resistem às minhas investidas de desconfiança e de investigação. Se vale a experiência até o presente, elas não têm garantia permanente de se tornarem verdades duradouras. São, no entanto, motivo de *fé pessoal*.

Sucintamente, são as que seguem:

1. A *fé* de que a visão que tenho dos outros e de mim contém uma dimensão que é estritamente pessoal, na medida em que provém de *aprendizado emocional experimentado*. A fé, nesta vivência, me dá autoridade pessoal, acompanhada de *paciência* e *curiosidade* com o outro, que se apresenta sempre com suas diferenças, as quais busco privilegiar em minha observação. Dá-me, também, uma certa resistência ou inibição para transformar o outro, em minha imagem e semelhança. Este resultado, logicamente, é apenas parcial. Vejo-me *repetindo* e sendo *repetido*, apesar das observações que acabo de fazer.

2. Vejo-me trabalhando cada vez mais ligado à experiência captada dentro da sala de análise, onde uma *função* da personalidade se apresenta de múltiplas maneiras e da qual procuro discriminar *fatores* úteis para o conhecimento de tal função. Concluo, pois, que o conhecimento, a descoberta, ocorre quando consigo contar para o outro o que percebo de *forma propícia e suportável*. Neste

trabalho, deparo-me com os fatores impeditivos de mudança, que dão o limite, ou o contorno, do que posso observar e depois transmitir. Penso ser interessante assinalar que estas vertentes de mudança e não mudança estão presentes no par. Torna-se mais fácil percebê-las no outro. Isto me dá, no entanto, paciência, pois tenho experiência deste processo comigo. É por isso que todas as teorias analíticas enfatizam, a começar por Freud, que através da análise pessoal o psicanalista irá desenvolver seu instrumento primordial de trabalho. E que não podemos, nem por um segundo, esquecer as artimanhas, cada vez mais sofisticadas e “pensadas”, que cada um de nós utiliza para se afastar da experiência do novo em análise. Penso ser experiência comum que as aplicações (falar ou escrever a respeito de psicanálise) são muito mais aceitas e fazem tanto mais sucesso do que a psicanálise enquanto dimensão teórica e, mais ainda, em sua dimensão prática exercida na sala de análise.

3. Deste meu interesse, quase exclusivo, sobre o que se passa no presente da sala analítica resulta o aparecimento de pequenas unidades, que, quando se acumulam, raramente podem compor grandes unidades *conceituais*, as quais poderiam vir a se aglomerar em áreas ainda maiores, constituindo *teorias psicanalíticas*.

Não se trata de partir do zero, do absolutamente desconhecido, mas de se afastar disciplinadamente de outras manifestações, ainda que anteriormente tenham sido vivências, mas que no momento funcionam como parte da área de *não vivência*. Explicitando, aqui está a memória do já vivido com o analisando, ou com o analista, e que neste momento tem função obstrutiva ou de ocultamento do presente. Incluo também neste território as teorias psicanalíticas mais acabadas e científicas, que fazem parte do meu conhecimento psicanalítico. Creio estar fazendo uma diferenciação entre estrutura e função. Ainda que estruturalmente sejam de valor, funcionam, no momento, para evadir-me do novo, sempre presente e desafiante.

Assim sendo, vivo atualmente um grande abismo entre uma prática simples, liliputiana mesmo, e teorias sofisticadas, das quais só poderia me aproximar com *especulações imaginativas*, mas que pouca coerência observacional ou de certeza me dão, se as aproximo da minha prática clínica.

Aponto para um paradoxo em nosso trabalho, pois, no local onde se podem capturar desenvolvimentos teóricos, eu não os posso comentar e estar atento a eles. Posso, isto sim, em outras circunstâncias, dar-lhes atenção, como penso estar fazendo neste texto. Talvez seja uma situação semelhante à que Bion nos aponta ao dizer que a *grade* é um bom instrumento para afinar nosso repertório psicanalítico para o que passa na sala de análise, mas que não deve ser usada na própria sala.

Talvez o eixo maior que me orienta clinicamente seja procurar me dar conta se a interação que tenho com o outro promove enfrentamento de tensão sempre existente, provinda da *frustração*, ou se encontramos meios hábeis para evitar esta tensão nos afastando dela, isto é, *eludindo a frustração*.

4. O aprendizado emocional experimentado é o alimento para a formação de *elementos α* , que serão, por sua vez, alicerce para o pensamento. Aqui se situa a *área não psicótica*. Ela é, pois, estritamente pessoal, construída e aprendida na experiência.

Este campo de aprendizado, de onde provém o desenvolvimento do pensamento pessoal, difere de outras fontes de conhecimento, as quais não contam com a dimensão do apreendido na vivência emocional. Isto, evidentemente, não invalida sua pertinência ao *patrimônio pessoal*, que inclui boa parte do conhecido que é adquirido pelas normas grupais e culturais, e fortemente presentes no nosso acervo pessoal.

Devo ainda incluir aqui o que chamamos de contato com a verdade última, que oferece certeza absoluta e que, por ter esta carac-

terística, não participa de investigação ou indagação. Esta dimensão da personalidade está associada com a posse de satisfação. Estas fontes de saber são, pois, fortemente inibidoras do aprender através da experiência emocional. A forma de aprendizado, através da função α , se apresenta dispensável e sem qualquer sentido útil ou de curiosidade, para quem já possui o todo. Creio ser este um grande componente das resistências à mudança, no trabalho psicanalítico.

5. Tenho, pois, como tarefa central chamar a atenção, apontar e a seguir enfrentar a frustração associada com a *ausência*, pois creio ser a partir dela que se desenvolvem os meios de pensar e de aprender da experiência. Acredito que esta tarefa, que resulta no aparecimento de pensamento, facilita a vida como um todo. Vale, pois, como meio para ter um encontro comigo e com o outro, enquanto ser humano.

Penso ser necessário, agora, explicitar um pouco mais o que entendo por *aprender com a experiência emocional*, resultando daí a *emoção de pensamento*, capaz de abranger desde áreas complexas como a matemática até o sonho e o mito, que se regulam por formas mais simples de apresentação.

Bem sei que os vocábulos *simples* e *complexo* não dão conta dos limites que quero demarcar como área não psicótica. Estou, pacientemente, à espera de um perímetro mais assertivo para o que procuro dizer e descrever.

O meu campo de trabalho será, primordialmente, falar sobre a experiência emocional e o aprender com ela. Este caminho, único que conheço para escrever sobre o tema, deixará em segundo plano o próprio aprender com as emoções. Não tenho acesso, no entanto, a uma linguagem mais apropriada para “esse” estar na experiência emocional. Ela me faz muita falta. Penso que ainda está para ser construída, ao menos para nós, psicanalistas. É captada nas artes em geral, singularmente, por cada um de nós.

Reconheço, ainda, que escrever sobre isso é um caminho mais fácil e conhecido se tomo como referência estar na experiência emocional e comentá-la. Imagino que possuímos um *anestésico interno*, que secretamos continuamente em busca do domínio do conhecimento, em busca de resolver e solver os mistérios que a cada momento a existência nos propõe.

Por outro lado, não creio que tenhamos suficiente paz e tranquilidade ao escrever e discutir o tema que necessariamente alude ao nosso fazer psicanálise e remete a componentes que julgamos essenciais para tal.

Talvez possa realçar a diferença que procuro destacar contando minha experiência recente ao ver uma criança na rua, diante de meu carro, à noite, com bastões de fogo, fazendo malabarismos. Surpreendeu-me, chamou minha atenção, estava o novo diante de mim. Hoje, decorridos alguns meses e disseminada a apresentação diante dos carros, nas ruas da cidade, os malabaristas já fazem parte do conhecido, com seus bastões de fogo, pois perdi a emoção primeira de surpresa. Esta situação foi incorporada ao conhecido e esperado. Foi-se a surpresa. Coloquei-a no convencional, através de meu anestésico interno. Posso reconhecê-la e discriminá-la, mas foi-se o novo. Ela se “repete” em área de não pensamento.

Fazendo uma aproximação grosseira com o aprender com a experiência, penso que nossa busca diante dele é a de sermos ou nos vermos, ou sermos vistos, como o primeiro e único. Alinhavo, pois, a dificuldade ou quase impossibilidade de apreendermos o novo e vivo de cada momento da sessão de análise. Postulo que este *novo* é parte essencial do aprender com a experiência emocional.

Postulo, ainda, que há sempre um único novo a cada momento de nossa vida. Cada vez que não o percebo – por determinantes variados –, coloco o aprender com a experiência em *descanso* ou

paralisação. Para isso, utilizo-me, automaticamente, do acervo de conhecimentos que tenho para estar na situação.

Acompanho Bion na proposta de que estamos mais despreparados para entrar em contato com a emoção do humano vivo do que para estarmos diante do novo inanimado ou do já conhecido e identificado. Nosso trabalho, enquanto analistas, se dá na área do despreparo universal.

Aponto, a seguir, o perímetro que devo percorrer, neste texto, para dar conta minimamente do aprender com a experiência emocional.

- a) Definir experiência emocional e aprender com a experiência emocional, de tal modo que as definições criem um campo compartilhado de ideias com os leitores.
- b) As definições de experiência emocional e aprender com ela somente terão significado se forem inseridas no conjunto maior de *elementos* que compõem a minha teoria do psiquismo, quando, então, ganharão sentido, coerência e consistência.

É desnecessário enfatizar que é tarefa quase que impossível, por várias razões. Como propus a tarefa e não vejo caminho melhor do que descrevê-la, sigo por ela, atormentado pela incompletude que aponto.

Há, também, uma atração pelo novo. Decifrar o enigma da esfinge nos permite, de imediato, continuar vivos; mas a contraparte deste conhecimento é que, encontrando e tendo a chave, paralisamos a curiosidade alimentadora do pensamento. Estaremos salvos, vencedores, mas paralisados enquanto pesquisadores curiosos. Tenho certeza, ou quase, de que a psicanálise, especialmente na sala de análise, para se manter viva e atuante precisa estar na *contramão* do conhecimento acabado, do conhecimento que tem a chave decifradora. Ainda mais se for a chave mestra. No modelo proposto,

decifrar o enigma da esfinge salva, mas encerra, aprisiona, limita e dá a busca por completa.

Como chaves mestras aponto a completude do conhecimento alcançada por vários caminhos, particularmente com o par *sadio-doente* ou *superior-inferior*. Bion, ao expor sua grade em *Elementos de Psicanálise*, aponta a *coluna 2* como local apropriado para as formas sabidamente falsas de lidar com a vivência emocional, o que garante tranquilidade à pessoa.

Teorias sofisticadas, funcionalmente deslocadas de seu meio, servem também, e muito bem, para compor o anestésico da completude e do já conhecido. Nestes anos, tenho usado e visto serem usadas as *incógnitas elementos α* e *elementos β* , de forma *naturalizada*, fazendo parte “materialmente” dos fenômenos mentais. É corriqueiro, mesmo sem espanto, dizer que isto ou aquilo *é* elemento β , dando a impressão de que pode ser visto ou ouvido pelos órgãos perceptivos sensoriais. Provavelmente Bion não se deu conta da força e grandeza de suas incógnitas. Vale o mesmo para a grade pessoal que desenvolveu para uso próprio e da qual nos apropriamos e que tem hoje uso quase que universal entre seus leitores.

Proponho que a emoção vivida por duas pessoas, na sala de análise, centra e sintetiza a busca do impossível, representado por resolver o enigma de qual é a experiência emocional em curso e o consequente aprender dela. O passo seguinte, dentro do impossível, será: como torná-la cativa do meu conhecimento. Creio ser experiência comum ouvir de uma pessoa que nos procura, no consultório, dizer que veio porque sabe que já atendemos “muitos casos iguais ao dela”, que somos especialistas no assunto. Isto é o que, por um lado, cria *confiança inicial* e, por outro lado, *amortece-anestesia* a busca de desconhecimento e consequente aprender com a experiência emocional. Deixamos de lado, se compartilhamos o papel proposto, a pesquisa do ser só e único no mundo, premissa necessária para desenvolver pensamento pessoal.

Aponto, pois, um novo elemento na situação esboçada: a existência de um vínculo centrado no *suposto básico de dependência*, o que remete a dupla para a área do não aprendido, pois um sabe o caminho, sendo pois o *líder* ou *pastor*, enquanto o outro se propõe fazer parte do *rebanho* que segue o líder. A premissa de descobrir-se e apropriar-se da vida própria está suspensa.

Nosso trabalho, centrado no enfoque da vivência emocional em curso, procura atender o *conhece-te a ti mesmo*. Cuida-te, porém, com a tempestade que pode ser desencadeada neste processo e que pode fazer-te submergir.

Cabe ao *pensamento*, proposto como *emoção básica*, harmonizar, de várias formas, as duas dimensões primordiais da existência: ser único e pastor de si próprio em solidão e dependência e, conjuntamente, estar protegido por um grupo externo ou interno. Chamo a atenção para o uso que faço de *e*, não para a alternativa *ou*, para as duas dimensões primordiais.

Aponto, seguindo Bion, para três emoções básicas: Amor, Ódio e Conhecimento. Certamente a admissão do conhecimento como emoção básica é o grande desafio que enfrentamos no nosso trabalho clínico.

O modelo do jogo de xadrez tem se mostrado para mim bastante eficiente para introduzir o campo analítico, permitindo que cada um se dê conta do tabuleiro e peças que utiliza em seu ser psicanalista.

Com esse modelo procuro fazer uma distinção entre o jogo com suas regras, que se aproxima do *senso comum*, daquilo que é cada partida ou lance da partida, centro de meu interesse em psicanálise.

Estou, mais uma vez, procurando distinguir o que seja aprender com a experiência daquilo que é descrever ou escrever sobre a experiência, por mais adequado e criativo que seja o método empregado ao fazê-lo. Psicanálise, na concepção de aprender com a

experiência emocional, e essencialmente, viver-se a situação. Descrevemo-la, posteriormente ou secundariamente.

Posso agora apresentar um dos elementos essenciais para o aprender com a experiência emocional e que, na minha prática, se oferece frequentemente como divisor de águas nas conversas e trabalhos científicos. Sempre que possível, atendo-me à experiência em curso, no momento, diante de mim e veiculada verbalmente, como caminho maior e mais frequente, mas intuída também por outros meios expressivos, que não o discurso articulado em palavras.

Poder, um par de pessoas, estar em perímetro emocional que tenha *pontos comuns* é condição básica para que uma desempenhe para a outra o necessário e suficiente para perceber ou dar-se conta de algo. É condição para também poder discriminar este algo de um todo, dar-lhe um nome ou sinal e, se possível, comunicá-lo à outra pessoa, com expressões *de êxito*, isto é, expressões de fato comunicativas, que aproximem mais os pontos comuns no círculo das duas pessoas.

É apenas uma nova formulação do jogo de xadrez, visto agora no local onde as peças se movimentam. É uma premissa de que é preciso estar atento a cada movimento, nosso ou do outro, para *perceber e intuir* o resultado obtido, pois é a partir dele que iniciamos um outro passo para esclarecer o indiscriminado e desconhecido.

A partir deste círculo comum, abrem-se várias questões:

1. De que outro falo? Quem é o outro, em minha apreensão?

Do *vértice* do sujeito, trata-se, sempre, de uma outra pessoa. No vértice da segunda pessoa, que observa a primeira, o outro pode ganhar a dimensão de ser algo ou alguém indiscriminado. Para a segunda pessoa não cabe, nessa circunstância, chamar a produção da primeira de pensamento. Esta produção estará na área dos fatos bem estabelecidos e certos. Está perdida a dimensão de discriminação entre o eu e o outro. Diremos que a primeira pessoa, ten-

do posse e conhecimento completos se aproxima do que Melanie Klein e Bion apontaram como fenômeno projetivo, na teoria da *identificação projetiva*.

2. E quem tem o poder ou a incumbência de decidir – enquanto *elemento de psicanálise* – sobre a natureza do movimento em curso? Certamente a segunda pessoa, no caso o psicanalista.

Aponto agora as condições de mente do analista para suportar, de modo variado, o enfrentamento da experiência com o analisando, na busca de expansão e discriminação compartilhadas.

Em outro trabalho, versando sobre *Transformações e Sonhos*, propus o que se espera do analista: *paciência, humildade e respeito* pelo que apreendemos como animado e humano; acrescento que as três dimensões anteriores estão governadas por outro elemento, qual seja, *frustração suportável* para o analista. Penso que a frustração suportada pelo analista é que governa a presença e discriminação do outro, enquanto ser humano único e diferente de mim.

Tal estado de mente não pode, na minha experiência, ser imposto ou induzido em alguém, por informação ou demonstração racional. Ele necessita de uma configuração mental onde se possa estar disponível para investigar o humano, no correr da experiência emocional e dentro da dimensão de incompletude.

Bion insiste em *Elementos de Psicanálise* que ao analista não importa a compreensão sobre o analisando, mas, antes de tudo, criar uma alternativa em busca de incompletude ou *insaturação*, pois é nesta busca que se aprende com a experiência.

Este caminho de insaturação pressupõe a perda da certeza de quem sou e de quem é o outro; aparece aqui outro elemento essencial do aprender com a experiência, que é estar *perdido da certeza dos fatos*, sabendo-se habitar, no entanto, um *como se* soubéssemos. É nele que nos apoiamos para desenvolver uma comunicação compartilhada, no mais das vezes verbal, que é onde estamos mais capazes.

Cabe ressaltar uma diferença importante sobre as motivações imediatas de analista e analisando. Em princípio procuro, enquanto analista, dar-me conta de quem é o outro que está diante de mim. Para isto – ainda que sabidamente falso –, tomo-me como *observador fiel* ou *real* da experiência em curso. Preciso de um ponto fixo para poder apoiar o movimento que faço. Estou ciente, no entanto, que este é um estratagema. Permite-me dar um passo, dentro do como se. Se tenho esta ideia presente, aparecem-me como fiéis acompanhantes a *humildade* e o *respeito*.

Em longos e extensos períodos de análise, o analisando, acossado pelo conflito que lhe causa o desassossego, busca alívio e tratamento eficiente para a *dor*, com os meios disponíveis de que sua mente dispõe.

É necessário que o analisando possa se manter coeso e pensante para poder aprender com a experiência em curso. Esta coesão dependerá da sua condição de suportar frustração e dor. Se e quando a dor for insuportável e a ameaça de *ruptura* iminente, a mente se vale de modos *não pensantes*, criando um aglomerado contínuo que superpõe vários fatores para a função primordial de sobrevivência.

3. Um trabalho ambicioso, mas também extremamente necessário, diz respeito à discriminação das funções que podemos estabelecer para as áreas da mente e – à maneira de um caleidoscópio – percebê-las no momento do jogo. É essencial dar-lhes *continência* e perceber o sentido único e fugaz que desempenham. Este sentido único e fugaz, funcional, frequentemente supera ou ultrapassa o já *estabelecido*.
4. É necessário estarmos sempre atentos para o fato de que as questões apresentadas cabem tanto para o analisando como para o analista. O analisando encontra-se privilegiado, em relação ao analista, pois conta com a presença

deste na sala de análise. Nunca é demais assinalar que, para o essencial, nós analistas nos encontramos sós. Há, pois, uma *assimetria* nas funções de analista e analisando. Poderemos conversar sobre o que passamos ou percebemos na sala de análise, mas em outro contexto. Esta disciplina de poder discriminar as diferentes dimensões e contextos do funcionamento mental é, provavelmente, a mais sofisticada questão, para nós, enquanto analistas clínicos ou enquanto autores, ao propor uma teoria que dê conta de nossa clínica.

Creio que poder reunir estas dimensões, através do pensamento, é a busca essencial da nossa vida. Ela nos permite, por um lado, ganhar novos instrumentos para nossa relação conosco e com os outros. Por outro lado, acoplada com esta dimensão, há também a discriminação de quem sou eu e a dor de me perceber no infinito do mundo. Ainda que ganhe novos instrumentos ou recursos, dou-me conta também da precariedade desses instrumentos para abarcar as solicitações da vida.

Aponto agora para a revolução que passei, enquanto pessoa e psicanalista, ao perceber, basicamente enquanto analisando, o sentido e significado do texto *Transformações e Invariâncias*, que trouxe um outro tabuleiro e novas peças para o meu jogo de xadrez. Sempre que suportável, tira-nos da coisa em si, dos fatos acabados e controlados. Se há coesão suficiente, constitui-se em instrumento valioso para perceber e intuir as experiências humanas. Nesta condição, estamos num sistema de observação que necessita de contínua alimentação, para que possamos nos comunicar conosco e com o outro.

Aprender com a experiência pressupõe a distinção entre eu e o outro, bem como a capacidade de suportá-la, o que evoca a solidão e a dependência. As transformações que fazem parte desta tomada de consciência escolherão áreas como as de *aprender* e, também, as em *alucinação*, pois a frustração é a dimensão básica em jogo.

Se apresentei o pensamento como organizador de tendências, é preciso distingui-lo de não pensamentos, que, assemelhando-se fenomenologicamente a pensamento, não exercem essa função ordenadora sintética. Recebem várias denominações conforme sua apresentação e do autor que os verifica: *alucinações, delírios, atuações, ruídos, pensamento esvaziado de sentido, objetos bizarros, automatismos de pensamento etc.*

Como proponho que a experiência emocional permite o aparecimento de pensamentos, cabe discutirmos os fatores que agem continuamente na mente e que interferem no fenômeno observável, impedindo o aprender com o vivido.

Bion procurou em seus escritos, nos seminários e deduzo que, fundamentalmente, na sala de análise encontrar um modo eficiente de contar ao outro como percebia a experiência presente. Como estar presente para o outro, interferindo na experiência em curso para facilitar o aprendizado. De tempos em tempos, percebo que muda a interferência que faz, resultado provável de um novo modo de se orientar na comunicação.

Permanecem, no entanto, a percepção da solidão associada com a dependência, o desejo ou a busca de algo ou alguém que atenua e dê conta do isolamento inevitável. Ao lado disso, há também uma necessidade que busca vida, continuamente, sem levar em conta a pessoa que a hospeda e suas peculiaridades. E sabemos que a vida mental se nutre de verdade, de algo genuíno, que cria condições para suportar a dor.

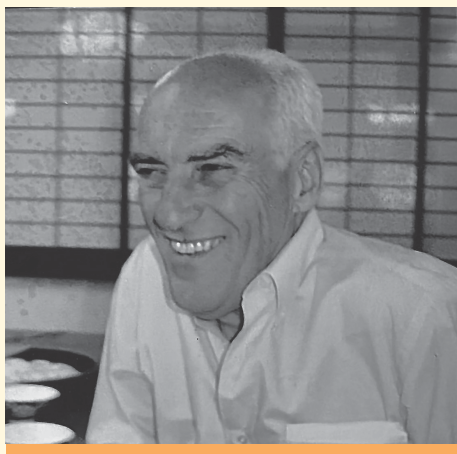
Estabelece-se, então, uma tensão entre essas duas tendências, permanentes e atuantes, durante toda a vida. O que varia parece ser a intensidade e o equilíbrio para um lado ou outro, com as consequentes apreensões pela consciência do que se passa.

A nossa *função analítica* nesse vértice é, pois, permanecer por perto, com os instrumentos (paciência – humildade – respeito –

tolerância à frustração diante da certeza perdida) de modo a interagir e facilitar a agregação em busca de pensamento, fruto do aprender com a experiência.

As teorias psicanalíticas que desenvolvemos procuram nos amparar neste caminho de incertezas, em busca de sermos nós mesmos. Têm, ainda, a função de criar um patrimônio que possa ser consultado por todos aqueles que percebem a importância da mente, no todo da vida.

Espero, no entanto, ter mantido a ideia de que apenas arranhemos o mistério da vida, que se mostra, com o correr do tempo, mais e mais profundo.



Antônio Carlos Eva

“A experiência analítica em sua dimensão clínica ganha uma interpretação nova. Ela é um fim em si”, afirma Eva. Médico pela Faculdade de Medicina da USP. Formação psicanalítica na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, onde teve papel fundamental na formação de psicanalistas e exerceu forte influência como membro efetivo e analista didata. Deixou como legado o grupo Conversas Psicanalíticas e ampla atuação nas Jornadas Psicanálise: Bion.

série

Escrita Psicanalítica

Coord. Marina Massi



PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2939-1



9

7 8 8 5 2 1 2 2 9 3 9 1



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

O que faz o psicanalista

No vértice da experiência emocional

Antônio Carlos Eva

ISBN: 9788521229391

Páginas: 368

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2026
